

## "TRAGÉDIA DUM CAPÃO DE PINTOS": UM ESTUDO SEMÂNTICO

FRANCINE FERNANDES WEISS<sup>a</sup>

WEISS, F.F. "Tragédia dum capão de pintos": estudo semântico. *Semina*, Londrina, v. 11, n. 3, p. 112-116, set. 1990.

### RESUMO

*Este artigo propõe-se a discutir, a partir do conto "Tragédia dum capão de pintos" de Monteiro Lobato, a relação existente entre o conhecimento da linguagem e o conhecimento do mundo. Tanto o acesso quanto o domínio da linguagem são arbitrários e estão em constante mutação para diferentes sujeitos e diferentes situações de enunciação. Este acesso e este domínio são analisados, no artigo, a partir de seu atrelamento às diferentes perspectivas histórico-sociais que permeiam as relações dos seres no mundo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Sinonímia; Significação; Foco narrativo.*

### 1 — O problema

O problema semântico da relação entre a língua e a realidade, ou, ainda, a discussão de como a realidade se torna significativa através da língua, constitui-se no problema central deste estudo. O conto "Tragédia dum capão de pintos", do livro **Cidades Mortas** de Monteiro Lobato, publicado originalmente em 1919, presta-se com grande adequação a nosso problema central: como a língua e o real se relacionam? Que elos há, se há, entre as palavras e as coisas; e como esta ligação pode ser discutida através de elementos do conto em questão?

A ação da narrativa de Lobato, que se passa em uma fazenda, tem como protagonista um galo (o Péva-de-raça) a quem, por ser capão e o coto de pernas, fora confiada a criação de um pinto, um marreco e um peru. A criação dos filhotes, sem ser em si mesma nova para o universo da fazenda (era a única função que restava para capões como Péva, sem qualquer outra utilidade), trará, para o galo, a oportunidade de vivenciar um mundo que se vai tornando inédito e lingüisticamente surpreendente a cada dia.

A preocupação com a linguagem é visível em todo o processo de organização do conto. Contudo, duas referências específicas podem servir como ponto de partida desta análise. A primeira delas encontra-se no quinto parágrafo, ainda na introdução do texto, por assim dizer:

"Péva-de-raça tinha este nome pelas razões que o nome indica. Mas vá lição para os leitores da cidade, gente que de galos e galinhas só conhece os da torre das igrejas e as que aparecem ao jantar, em molho pardo. **Péva:** pena curta; **de raça:** raça estrangeira." (Lobato, 1978, p. 158)

Há, no trecho, uma delimitação de questões de ordem lingüística, mas que, em última instância, superam o nível

lingüístico e atingem a posição que os envolvidos ocupam no processo de narração e no mundo fictício criado. Quando é evidenciada a distinção narrador do campo/leitor da cidade, temos a colocação de um problema de "natureza lingüística": como o que é significativo no campo nem sempre o será na cidade, tornam-se necessárias "explicações", inferências metalingüísticas para que o leitor, a quem se dirige o conto, compreenda as questões envolvidas, ou, ainda, atribua alguma significação a elas.

O problema "lingüístico, ou mais especificamente "semântico", de que se trata é o da significação. O que transcende a questão lingüística e a esclarece é o fato de que, ao traçar este critério explicativo a fim de permitir a compreensão das diversidades não-significativas para o leitor, o narrador traça, também, dois universos distintos: explicita-se tratar-se de um conto em que o que se deve levar em consideração é o campo, a vida em uma comunidade rural; deste lugar específico, o campo, o texto falará para outro lugar específico, a cidade.

Acontece que, do campo, faz-se uma dada organização do mundo e, da cidade, outra. Assim, a leitura, para se tornar significativa, exigirá do leitor o resgate da organização textual que o narrador fez do mundo; e só assumindo o outro é que se compreende o que, para este, é tão óbvio. Há, envolvida na narração, uma forma de conhecimento, cuja especificidade deverá ser considerada. O narrador fornecerá algumas explicações, outras caberá ao leitor buscar, mas o símbolo (Vogt, 1982) que permeia a narração foi traçado. Há, aqui, também, em outro nível de reflexão, a abertura da evidência de como serão frágeis quaisquer separações que pretendam apartar a reflexão sobre a linguagem da reflexão sobre o mundo.

A segunda referência de que partiremos em nossa análise encontra-se no terceiro parágrafo da página 160 da obra

a - Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas/CCH - Universidade Estadual de Londrina.

em questão, entre comentários simpáticos sobre os muitos animais da fazenda. A referência é quase que uma espécie de "reflexão digressiva" do narrador:

"Os homens nunca prestam grande atenção aos animais que os rodeiam. Brutinhos, dizem, e desprezam-nos. Mas a verdade é que a esses nossos manos, o que os inferioriza é não gozarem o dom da fala, pelo menos de fala inteligível para nós, visto como pensam e superiormente raciocinam, possuindo sobre os homens e as coisas idéias terrivelmente lógicas." (Lobato, 1978, p. 160)

Com esta reflexão, há outra delimitação fundamental: a distinção homens/animais. Afinal, será uma história de homens e animais. A nível fictício, rompem-se, de princípio, algumas "regras" do real e atribui-se aos animais fala e pensamento. Pensamento lógico. E fala. Não inteligível, é bem verdade, mas a onisciência do narrador remediará este inconveniente. E fará uma advertência: os homens consideram os animais inferiores ("brutinhos") por não poderem entendê-los e não terem acesso a suas idéias "terrivelmente lógicas".

Ressalta-se, com certa sutileza, o papel privilegiado que desempenha o domínio da linguagem na relação entre os seres. Ser ou não superior liga-se a ser ou não compreendido. A lógica terrível das idéias animais não altera a relação que os homens estabelecerão com os mesmos ao longo da narrativa. É uma lógica inócua que não consegue se superpor a lógicas outras. Não se superpõe, por exemplo, à lógica humana.

Daqui, poderíamos até partir para discussões que considerassem alegoricamente homens e animais sob uma perspectiva em que ser ou não ouvido ligar-se-ia a ser ou não socialmente superior. Não é este nosso objetivo. Procuraremos, apenas, discutir por intermédio da leitura do referido conto, dois processos: primeiro, como o acesso à linguagem bem como seu domínio parece se dar de forma diferenciada e alterável para diferentes sujeitos e diferentes momentos; segundo, como a análise desta diferenciação não pode prescindir da observação das relações que travam entre si os diferentes sujeitos na heterogeneidade de interesses e posições (histórico-sociais) dos seres no mundo.

## 2 — O acesso à linguagem: "lição para os leitores"

No momento em que é colocada a questão da linguagem animal em oposição à linguagem humana ("o que os inferioriza" — aos animais — "é não gozarem o dom da fala, pelo menos de fala inteligível para nós" — os humanos), compreende-se a dimensão dramática dos episódios que se vão suceder em seguida. Atingir a linguagem humana é questão vital para os animais. É a compreensão do próprio destino e dos presságios e augúrios que sinalizarão sua existência. O acesso à linguagem, aqui, converte-se no acesso ao próprio mundo.

E o que se encontra ao longo do texto é justamente a tentativa animal reiteradas vezes declarada de tornar significativo este universo humano tão necessário e tão misterioso. De dentro deste mistério, o personagem mais compreensível é Tio Pio. Responsável por cuidar dos animais, é exatamente aquele que maior contato tem com os mesmos. Aquele que, dentre os humanos, mais próximo se coloca de um dimensionamento "animal" da realidade. Ao contrário de outros personagens humanos da narrativa, Tio Pio compreende quase perfeitamente os mecanismos que norteiam

o funcionamento prático do mundo da fazenda segundo o referencial dos "brutinhos". Mais do que isto, ele é, mesmo, engrenagem essencial para este funcionamento. Por haver certa aproximação entre a forma como Tio Pio organiza a realidade e a forma como os animais o fazem, é que estes podem entender e até admirar o "preto cambaio", sendo por ele tão compreendidos em suas necessidades.

Contudo, quando esta tentativa de compreensão prolonga-se em direção aos outros personagens humanos, instaura-se o caos. Como tornar significativas atitudes sem similar nos próprios processos cognitivos? Como, a partir do nada, organizar as singularidades alheias que não parecem ter ligação alguma com a história específica de compreensão do real pelos animais? Não há como. Não a partir do nada. Desta forma, surgem as figuras incógnitas da Dona (a mulher do proprietário da fazenda, o "Senhor"), do próprio Senhor, de seus "filhotes" e dos Sim-Senhores" (empregados da fazenda).

Há mesmo uma suave ironia do narrador (um humano) com relação às "inteligentes" construções que os animais vão fazendo do homem. Ignorância (Dona), toques de superioridade (Tio Pio) e mesmo ilogicidade (filhotes) são atribuídos aos vários seres humanos. Não porque fossem "realmente" ignorantes, superiores ou ilógicos; ou porque estas "qualidades" lhes pertencessem por essência (como diriam metafísicos) e tampouco por mera experimentação da convivência junto a eles (como diriam empiristas).

Se a experimentação tivesse sido critério seguro para a "medição" da validade do uso das palavras caracterizadoras escolhidas pelos animais, não se entenderia como um mesmo ser pudesse se constituir em símbolo de ignorância para alguns animais e de catástrofe para outros. O fato é que aves, ou cavalos, ou cães produziram análises diferentes dos mesmos personagens humanos por se posicionarem diferentemente em relação a estes últimos; e as qualidades "essenciais" de cada personagem só se tornaram significativas através de um referencial específico no trabalho de abordagem do real.

Isto se torna mais evidente se tomarmos, outra vez, Tio Pio. Para o trio do Péva (pinto, peru e marreco), ele era visto sob um dado ângulo ("Deita-ninhadas", "Mata-piolho", "Varre-galinheiro", "Pega-frango"); para a mulinha, sob outro ("Põe-carroça", "Arruma-arreios", "Escova-pêlo", "Dá-ração"); para o cão Vinagre, sob um terceiro ("Lava-cachorro", "Traz-angu", "Atiça-atiça" e "Pregapontapés"). Tio Pio, no entanto, é o personagem que assume as diferenças menos dramáticas de abordagem pelos animais. Afinal, todos eles entram em acordo quanto à natureza das variadas atividades por ele desempenhadas. Abstraem-se particularidades, salientam-se homogeneidades e temos "modalidades várias dum alto espírito de providência": a síntese unânime de Tio Pio.

Nem sempre será assim. Como abstrair a diferença entre uma mera constatação de ignorância e a morte? Aqui, a divergência se torna irreduzível a denominadores comuns e a compreensão que os personagens animais têm da personagem referida (a Dona, ou Perguntativa porque, chegada recentemente da cidade, singularizava-se pelo excesso de perguntas que fazia) vem marcada pela relação prática a se travar com a mesma. Temé-la ou quase desprezá-la deriva do poder de decisão que ela tem sobre os que a temem ou da atitude inócua dela própria para com os que a desprezam.

Por um lado, do ponto de vista das aves, a Pergunta-

tiva será considerada a "terrível inimiga do galinheiro". Dela é que virão os decretos de morte que vitimarão justamente "os mais belos frangos e as mais respeitáveis matronas de pena". Por outro, no caso dos demais animais, só sua ignorância é que será digna de menção. Para estes, será tão somente risível uma personagem incapaz de diferenciar burros e mulas, "cheia de gritinhos e medo aos bichos".

Da mesma forma, não seria de supor que, do ponto de vista de um ser humano qualquer (o leitor, por exemplo) vá ser confirmada a afirmação de que justamente a Dona, que "viera duma cidade grande", seja a personagem ignorante do conto. Ou que Tio Pio seja o exemplo acabado da superioridade de um ser humano sobre os demais. Partindo-se da análise humana, a colocação pode ter provocado um leve sorriso de condescendência para com a grande "racionalidade" animal.

Na realidade, diz-se que Tio Pio está em posição superior a partir de um estado de dependência vital dos animais em relação a ele. Sem Tio Pio, sofreriam graves danos. Por isto, sua presença traduz-se em "ordem", "justiça", "conforto", "providência" e "amor". A admiração diante das atitudes que vão denominá-lo ("Varre-galinheiro", "Deitainhadas", "Traz-quirera", "Espanta-cachorro") decorre simplesmente da necessidade de que o cachorro seja afugentado, de que a quirera seja trazida, ou ainda de que seja proporcionado conforto pela limpeza do galinheiro.

O "leve sorriso de condescendência" citado se deve ao fato de que, a partir de determinado jogo de posições sociais com que se pode marcar o "mundo humano" é inquestionável o fato de que a supremacia não estaria, nem de leve, em um personagem como Tio Pio. Ele é negro, trabalhador braçal, ruim das pernas, da zona rural. Para este leitor "previsto" como receptor de texto (da cidade e alfabetizado, provavelmente de classes socialmente favorecidas — ele lê), como de resto, para a quase totalidade das posições comuns em nossa sociedade e em nossas relações de produção, varrer galinheiro, limpar frango, arrumar ninho, trazer angu ou pregar pontapés constituem-se, mesmo, em atividades primitivas, secundárias; necessárias, mas degradantes.

Aves, cães e seres humanos — inegavelmente diferentes — têm seu acesso particular à linguagem. O galo Péva, a propósito, terá acessos diferenciados não só em relação aos demais, mas também em relação aos vários momentos do conto, conforme discutiremos a seguir. "Lição para os leitores", o jogo da significação, no conto e fora dele, pressupõe a reconstrução das singularidades envolvidas no processo de significação. Ao leitor cabe não apenas reconstruir o lugar específico em que se constitui o campo, particularizam-se em relação aos demais. Há, no campo, de modo generalizado, a posição das aves e a posição dos cães. Há, ainda, entre outras, a posição do leitor diante dos demais. Mas esta já é outra questão.

### 3 — A posição no mundo: "o que inferioriza" a quem?

Se considerarmos que o narrador havia, nos primeiros parágrafos do texto, "previsto" seu leitor, há, na atribuição de sentido às experiências animais com os homens, um estigma: eles pensam superiormente, raciocinam e têm lógica, e o que os inferioriza é não serem inteligíveis. Todavia, quando a ficção lhes confere inteligibilidade, o que os inferioriza é o lugar em que se encontram nas relações do ho-

mem com a natureza e com os outros homens. A tal ponto que só compreendem e conferem superioridade justamente aos humanos "inferiores". Incompreensão quase absoluta da complexidade humana. Dominação quase absoluta da ignorância animal.

De resto, os seres humanos e seus desígnios serão insondáveis. A relação dos animais com a vida é uma. A dos homens outra. Para aqueles só serão significativas as ações destes que estejam diretamente ligadas à alimentação, à sobrevivência, à morte, ao desaparecimento ou penalização dos filhos e amigos. São ilógicas as complexas relações de produção, de transformação da natureza, bem como as hierarquizações humanas.

Isto tudo por não ser possível que se tenha uma apreensão direta da realidade. Temos a experiência que a história possibilita. Os abismos de incompreensão que vão separar as várias histórias das variadas interlocuções passam, também, por este caminho. O caminho que separou, no conto, Péva da vaca Princesa na atribuição de sentido à "mesma" expressão. O capão, advertido do perigo que corria o "filho" marreco ("estar no ponto"), fora em busca da sabedoria experiente de Princesa. "Está no ponto", ensinara-lhe a vaca, significava "carro" e a experiência o comprovava, ainda que a Péva parecesse absurdo um marreco sendo atrelado a um carro de bois.

Pouco tempo depois, o encontro doloroso com Vinaigre a roer ossos (de marreco) esclarecia: "Está no ponto significava condenação à morte". E esta experiência traumática carregava em si o reflexo irrefutável da verdade. Pois as palavras não tinham sido aquelas? E não fora a morte o que acontecera? Péva, "um tanto curto de idéias", foi ter com Princesa e disse-lhe: "Erraste, Princesa. Está no ponto quer dizer morte". A vaca, por sua vez, "sorriu da ingenuidade do Péva. Ela tinha tanta certeza que queria dizer carro ..." Pois para aquelas palavras o que lhe acontecera não fora justamente o atrelamento do filho ao carro de bois?

Ingênuos ou errados, a apreensão do real liga-se à especificidade dos diversos referenciais. Não há convenções inquestionáveis, absolutamente independentes do "lugar" histórico-social onde são produzidas ou utilizadas. A este respeito a vaca era tão "ingênuo" quanto o capão e este tão "errado" quanto aquela.

A significação de "está no ponto" fornecida pela vaca e que parecia radicalmente diferente da dele, de fato diferia, mas não sem se identificar. Se havia diferenças, estas eram sobretudo devidas a diferenças nas situações em si e a diferenças, também, nas formas de conhecimento de mundo de cada um destes animais e da própria Perguntativa e do Senhor que haviam produzido os enunciados.

Para Péva, "estar no ponto" designou uma situação específica: a morte do filho. Para a vaca, designou outra situação específica: a colocação do filho na canga. E, como cada um deles só lia estas experiências por seus próprios prismas históricos, nenhum dos dois poderia ter percebido que, para os produtores humanos da mensagem, em situações diferentes, estas diferenças não eram tão significativas a ponto de justificar outra seleção vocabular. Aliás, frango na panela e boi na canga podem significar para o homem, abstraídos certos aspectos, a "mesma" coisa (ou, de acordo com enfoques mais tradicionais da língua, podem constituir, nestas circunstâncias, expressões sinônimas): estes animais utilitários estão suficientemente desenvolvidos a ponto de serem aproveitados naquilo para que servem.

Nem chegaria a ser relevante, neste caso, num evidente processo de abstração, a singularidade das ocorrências, tão importante para Péva e Princesa. Assim, é realmente dos mais sábios o oráculo do cão Vinagre: "A linguagem dos homens varia, ora quer dizer isto, ora aquilo". Ora aparece atrelada a esta perspectiva, ora a aquela. Será complicado delimitar, "a priori", o significado desta ou daquela expressão, e esta delimitação poderá levar aos "equivocos" de Péva e Princesa. Não existe significação a priori. Significação é construção.

Além disso, o próprio critério de avaliação de sinonímia e antonímia é, por si só, ténue e não satisfatório, por desconsiderar a relação arbitrária que a linguagem estabelece com o real. Na verdade, não há sinônimos intrínsecos, mas abstrações que possibilitarão situações de correspondência terminológica. Esta correspondência estará ligada tão somente à perspectiva em que as palavras foram empregadas. Eliminadas estas perspectivas, eliminam-se as similaridades. As três expressões que precederam a morte de cada um dos filhos de Péva, "está no ponto", "pede panela" e "temos peru", seriam, então, expressões sinônimas? Depende do referencial tomado, depende dos aspectos deste dado referencial considerados relevantes, depende da condução da discussão que se pode fazer a respeito de serem, ou não, expressões sinônimas.

No caso de Péva, as três expressões traçam fronteiras radicais no seu processo de apreensão do mundo. O Péva sem problemas e angústias que criava seus três filhos com pachorra e afeto é atingido subitamente pela expressão "Está no ponto". Então, morre o marreco e algo em Péva morre também. Tempos depois, não será o mesmo Péva a ouvir que o frango "pede panela", Sentir-se-á, mesmo, "pai adotivo" de filhos em passagem. E, finalmente, um outro Péva adivinhará o sentido de "temos peru". A esta altura, o galo compreendera a destinação das aves nas granjas, a destinação dos seres no mundo. Se, a princípio, sua reflexão fora sentida ("Bem trunde a vida sob o domínio cruél do homem"), se depois fora apenas o acentuar-se de uma dor já bastante forte, por fim, ela se converte em resignação e forte indiferença pela vida.

Assim, se, por um lado, as três expressões podem ser consideradas sinônimas para o galo (as três significavam "entrar para a Cozinha" e, nisto, equivaliam-se), por outro, designam experiências fundamentalmente diferentes. Nesta mesma linha de pensamento, se tomássemos a dona da fazenda — a Perguntativa — por referencial, nem mesmo esta discussão seria relevante. Para ela, matar uma ave (fosse a ave que fosse) não corresponderia a uma experiência tão marcante que solicitasse uma particularização de produção lingüística. Várias outras construções lingüísticas, além de "temos peru", "pede panela" e "está no ponto" teriam sentido e seriam, para ela, tão pouco significativas quanto o foram qualquer das três. O que, para Péva, se transformara em um terrível problema existencial, fora para a Dona não mais que mera situação de rotina. Ainda que entrássemos na discussão das diferenças entre ter-se frango ou peru à mesa, o terreno seria extremamente árido e estaríamos discutindo questões de não necessariamente teriam feito parte das condições de produção destas mensagens.

Enfim, discutir linguagem, discutir significação, discutir semântica passa pelo resgate dos elementos de constituição histórico-social dos vários textos. Não há correspondência entre o real e a linguagem. O que torna possível a ligação entre estes dois universos é a organização simbólica

que se faz do real. É a forma de conhecimento que se interpõe entre as palavras e as coisas. Ou, como preferirem, o referencial que se estiver assumindo.

Nesta dimensão, os elementos fundamentais da constituição dos textos, história e sociedade desvelam suas múltiplas faces e facetas. O sujeito, então, perde seu halo de autonomia: imerso em relações de cuja gênese não participa, por cuja permanência ou cessar não decide, o sujeito é, ele próprio, constituído no processo mesmo de constituição da significação.

Péva é constituído e des/reconstituído enquanto sujeito da significação à medida que sua forma de conhecimento, ou seu referencial, ou sem símbolo se alteram. Não se alteram apenas os sentidos atribuídos à linguagem e ao mundo; muda também o Péva. Sua singularidade é intransponível. Nem os seres humanos, nem os outros animais reconstituirão os significados que ele passa a atribuir ao mundo. Entre ele e o mundo há algo. Diferente do que se interpõe entre a Dona e o mundo. Diferente do que se interpõe entre as galinhas e o mundo.

Singular, a forma de conhecimento que constitui o sujeito faz com que os objetos constituídos adquiram esta ou aquela significação. Da mesma forma, a maneira pela qual apreende a realidade através da língua, localiza historicamente de uma e não de outra forma, Péva caracteriza-se, constitui-se desta e não daquela forma.

Então, significar é um jogo polissêmico de poder, no qual as atribuições de sentido são bastante relativas. Antes de mais nada, históricas e heterogêneas. A utilização da linguagem, assim, não orbita em um espaço apartado das outras instituições humanas. A utilização da linguagem é tão sujeita aos inumeráveis mecanismos de poder quanto qualquer outro comportamento social humano. E a significação tão fecunda em hierarquizações quanto qualquer outro mecanismo de organização do real. Tão sem lugar para divergências e irregularidades quanto as demais regras e convergências instituídas cá no mundo ou lá no conto.

A tragédia do capão de pintos que cria e sucessivamente "perde" três queridos filhos para a panela é também a tragédia de uma tomada de consciência. A relação com a linguagem e com o mundo do capão que acolhe marreco, peru e pinto, certamente não é a mesma relação do capão que, ao final do conto, prefere rejeitar e deixar morrer toda uma ninhada ("Se têm de morrer na Cozinha, morram agora enquanto ainda não lhes tenho amor"). O capão não é o mesmo. O conhecimento foi constituí-lo em um sujeito diferente do capão que abre o conto. O que, a determinado momento, torna-se fundamental para ele é a consciência da tragicidade de seu papel no mundo: "Compreendia, afinal, que a vida foi, e é assim, e não melhora..." Sua trajetória reflete o processo pelo qual a existência vai se tornando significativa de formas sucessivamente diferentes ao longo da experiência com o real através da linguagem, gerando sujeitos e objetos que se alteram constantemente, numa contínua constituição e reconstituição do mundo e do sujeito, que nele se constitui.

Para o capão, a existência passa a ser aquilo que o acesso ao conhecimento da linguagem vai revelando. Para ele, não há vida após a linguagem. Porque a linguagem instaura uma nova forma de conhecer a vida. E esta forma revela que viver é trágico quando se é um capão de pintos, híbrido, marginalizado e desprezado das únicas atividades que se pode/deve exercer. O capão não está em condições

de reverter o papel que compreende lhe caber: estar no ponto para interesses alheios a sua vontade. Talvez nem mesmo lhe coubesse ter tido este acesso ao referencial dos outros. O fato é que, insatisfeito e descrente, ele passa a rejeitar os significados que se lhe atribuem. E transgredir, na ditadura das similitudes, é perecer.

No conto, nem mesmo a morte põe fim à relatividade das leituras e produções. O que é trágico para um, não o será para outros... O galo (protagonista de seu próprio drama) morrerá, mas o narrador arremata:

“Horíveis aqueles despojos?”

Um urubu pousado ali perto não pensava assim...”

WEISS, F.F. A semantic study of “Tragédia dum capão de pintos” by Monteiro Lobato. *Semina*, Londrina, v. 11, n. 3, p. 112-116, set. 1990.

#### ABSTRACT

*In this article the intention is to discuss the relationship between the language and the world in the short-story “Tragédia dum capão de pintos”, by Monteiro Lobato. Both the access to language and its control are arbitrary and in permanent mutation. This results from the fact that there are different subjects and also that the subjects undergo permanent change. The access and control mentioned above are studied in their connection with different social and historical perspectives which permeate social relationships.*

**KEY-WORDS:** *Synonym; Significance; Point of view.*

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 – HAYAKAWA, S.I. *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo: Pioneira, p. 139-143 e p. 175-179, 1963.
- 2 – LOBATO, M. *Tragédia dum capão de pintos*. In: — . *Cidades Mortas*. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, p. 158-166, 1978.
- 3 – ORLANDI, E.P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, p. 7-12 e p. 41-46, 1988.
- 4 – TODOROV, T. *As categorias da narrativa literária*. In: — . *Análise estrutural da narrativa*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, p. 245-7, 1976.
- 5 – VOGT, C. *Caminhos cruzando-se*. In: — . *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, p. 7-8, 1982.

Data de recebimento: 1/4/91  
Data de aprovação: 31/7/91